



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
CAMPUS AVANÇADO DE PATU
DEPARTAMENTO DE LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E RESPECTIVAS LITERATURAS**

ANTONIA ARIELLE GONÇALVES RODRIGUES

**CORPO, MEMÓRIA E RESISTÊNCIA: A MULHER NEGRA NOS CONTOS
“ANA DAVENGA” E “BEIJO NA FACE”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

PATU – RN

2025

ANTONIA ARIELLE GONÇALVES RODRIGUES

**CORPO, MEMÓRIA E RESISTÊNCIA: A MULHER NEGRA NOS CONTOS “ANA
DAVENGA” E “BEIJO NA FACE”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Artigo apresentado ao Departamento de Letras Vernáculas – DLV, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, *Campus* Avançado de Patu (CAP), como pré-requisito para a obtenção do título de graduação em Letras, habilitação em Língua Portuguesa e suas Respectivas Literaturas.

Orientadora: Profa. Dra. Alyne Isabele Duarte da Silva

PATU – RN

2025

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

G635c Gonçalves Rodrigues, Antonia Arielle
 CORPO, MEMÓRIA E RESISTÊNCIA: A MULHER
 NEGRA NOS CONTOS ANA DAVENGA E BEIJO NA
 FACE, DE CONCEIÇÃO EVARISTO. / Antonia Arielle
 Gonçalves Rodrigues. - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO
 RIO GRANDE DO NORTE, 2025.
 20p.

 Orientador(a): Profa. Dra. Alyne Isabele Duarte da
 Silva.

 Artigo Científico (Graduação em Letras (Habilitação
 em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
 Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

 1. Conceição Evaristo. 2. Mulher negra. 3. Violência de
 gênero. 4. Salinda. 5. Memória. I. Duarte da Silva, Alyne
 Isabele. II. Universidade do Estado do Rio Grande do
 Norte. III. Título.

ANTONIA ARIELLE GONÇALVES RODRIGUES

**CORPO, MEMÓRIA E RESISTÊNCIA: A MULHER NEGRA NOS CONTOS
“ANA DAVENGA” E “BEIJO NA FACE”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Artigo apresentado ao Departamento de Letras Vernáculas – DLV, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, *Campus Avançado de Patu (CAP)*, como pré-requisito para a obtenção do título de graduação em Letras, habilitação em Língua Portuguesa e suas Respectivas Literaturas.

Aprovada em: 26/11/2025.

Banca Examinadora



Documento assinado digitalmente
ALYNE ISABELE DUARTE DA SILVA
Data: 04/12/2025 14:22:24-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Alyne Isabele Duarte da Silva (Orientadora)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN



Documento assinado digitalmente
FRANCISCA LAILSA RIBEIRO PINTO
Data: 04/12/2025 14:45:37-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Francisca Lailsa Ribeiro Pinto
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN



Documento assinado digitalmente
VANESSA BASTOS LIMA
Data: 08/12/2025 09:13:14-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Vanessa Bastos Lima
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

CORPO, MEMÓRIA E RESISTÊNCIA: A MULHER NEGRA NOS CONTOS “ANA DAVENGA” E “BEIJO NA FACE”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Antonia Arielle Gonçalves Rodrigues¹
Alyne Isabele Duarte da Silva (orientadora)²

RESUMO

Este estudo examinou os contos “Beijo na Face” e “Ana Davenga”, presentes na obra *Olhos d’Água* (2014), escrito por Conceição Evaristo, com o intuito de entender como a autora retrata a violência de gênero e racial enfrentada por mulheres negras. O estudo possui uma abordagem bibliográfica e interpretativa, e como fundamentação teórica bell hooks (2014), Pierre Bourdieu (1998), Djamila Ribeiro (2017), Gayatri Spivak (2010) e Regina Dalcastagnè (2008). As histórias das protagonistas Salinda e Ana nos mostram que a violência não se restringe apenas ao aspecto físico, mas também se apresenta de maneira simbólica e emocional, servindo como um meio de dominação e silenciamento. As duas personagens são alvos de um sistema patriarcal e racista, mas ao mesmo tempo demonstram resistência, convertendo a dor em força e memória. A obra de Evaristo reafirma o corpo e a escrita da mulher negra como espaços de denúncia e reinvenção, sugerindo uma reflexão sobre as intersecções entre gênero, raça e classe na sociedade brasileira atual.

Palavras-chave: Conceição Evaristo; mulher negra; violência de gênero; memória; resistência; literatura afro-brasileira; Ana Davenga; Salinda.

1 INTRODUÇÃO

A literatura pode ser entendida como umas das formas mais potentes através da qual o ser humano pode expressar, pois ela nos permite o registro da memória, da cultura e das experiências sociais ao longo do tempo. Ela constitui-se como um instrumento de denúncia, de resistência e de transformação, que dá voz às pessoas que são silenciadas em outras instâncias da sociedade, pois no contexto brasileiro, a literatura esteve ligada aos processos históricos e sociais, refletindo desigualdade e disputas de identidade. Dalcastagnè (2008) diz que, pensar em literatura é pensar em quem a escreve, quem é representado e quais as vozes são privilegiadas e excluídas do espaço literário.

A contemporaneidade não se limita ao simples fato de viver no presente, mas envolve a capacidade de perceber e interpretar a realidade em sua complexidade. Segundo Giorgio Agamben (2009), o escritor inserido na contemporaneidade é aquele capaz de perceber as sombras de sua época, reconhecendo as falhas e ausências que estruturam a sociedade. Nessa perspectiva, a literatura contemporânea torna-se um espaço bastante apropriado para se questionar as desigualdades sociais, do

¹ Graduanda do curso de Letra Língua Portuguesa e Respectiva Literaturas. E-mail: ariellerodrigues@alu.uern.br

² Dra. em Letras na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN. Email: alyneisabele@uern.br

racismo estrutural e das violências de gênero, mostrando o sujeito do debate, que é historicamente marginalizado. Com isto, a análise da produção literária não se reduz apenas ao estético, mas se apresenta com um instrumento de resistência, denúncia e reconstrução da memória coletiva.

Esta perspectiva é bastante crucial para refletirmos sobre a literatura, principalmente sobre a literatura afro-brasileira contemporânea, que vem se apresentando como um lugar de resistência e denúncia de desigualdade estrutural. Ainda de acordo com Agamben (2009), ser contemporâneo não é fácil, exige bastante coragem, pois implica encarar as sombras do presente e assumir a responsabilidade de questioná-las. A perspectiva desenvolvida por Agamben (2009) pode ser aplicada a forma como Evaristo cria suas narrativas, trazendo fraturas sociais, pois é através da escrita dela que vem expondo as vivências silenciadas das mulheres negras, mostrando não só a dor, mas também a resistência e a força desses corpos e memórias.

Nesse contexto, a literatura brasileira tornou-se um espaço de questionamento das estruturas sociais, em que promove resistência simbólica e evidencia não apenas as transformações sociais recentes, mas também os silenciamentos históricos que persistem em nossa sociedade, como o racismo estrutural, o sexismo e as desigualdades de classe. Com isso, abordar o que a sociedade apaga, a literatura desempenha a função que Agamben atribui ao contemporâneo, que é trazer à luz o que permanece obscuro no presente e precisa ser, ainda, esclarecido. Desta forma, a literatura brasileira contemporânea é marcada pela variedade e diversidade, que inclui vozes de pessoas e lugares que antes não eram ouvidas no discurso literário nacional, como das mulheres e das periferias das grandes cidades, um exemplo é Carolina Maria de Jesus, que vem antes de Conceição Evaristo, mas que levou muito tempo para ser reconhecida dentro do campo literário.

Diante desse cenário, a literatura afro-brasileira ocupa um papel bastante relevante, pois dá voz a personagens e experiências que durante séculos foram inviabilizadas. Entre as várias escritoras que se destacam nesse movimento, está Conceição Evaristo, no qual sua obra se fundamenta no conceito de escrevivência. Esse termo, que foi criado pela própria autora, vem traduzir a ideia de uma escrita marcada pela experiência de vida, que carrega memórias individuais e coletivas da população negra, especialmente das mulheres. Nascida em Belo Horizonte, Evaristo trilhou um caminho bastante desafiador pela vivência das desigualdades sociais até se consolidar como uma das principais vozes da literatura brasileira contemporânea. Sua obra reflete não apenas uma preocupação estética, mas também uma urgência política, que é escrever para denunciar, para resgatar e para resistir.

O principal objetivo deste trabalho é analisar como a violência sofrida por mulheres negras é representada nos contos “Ana Davenga” e “Beijo na face” de Conceição Evaristo, destacando a maneira como a autora utiliza a memória, o silenciamento e a escrevivência como instrumento de resistência. Pretendemos compreender de que forma essas narrativas contribuem para o debate contemporâneo acerca da violência de gênero e de racismo estrutural, valorizando o papel da literatura afro-brasileira na construção de uma crítica social mais ampla.

Nos contos “Ana Davenga” e “Beijo na face”, Conceição Evaristo constrói enredos que revelam, de forma profunda e impactante, os efeitos da violência na vida de mulheres negras. Em “Ana Davenga”, seguimos a jornada de uma personagem que assimila a dor e sofrimento como parte da sua existência, mostrando como uma memória marcada pela violência influencia sua identidade e silencia suas possibilidades de alegria. Já em “Beijo na face” o enredo expõe o controle e as

ameaças que cercam a vida de Salinda, ao mesmo tempo em que o seu amor secreto simboliza uma fuga da opressão sofridas diariamente. Em ambas as narrativas, a escrevivência se manifesta como um ato de resistência, transformando experiências que costumam ser silenciadas em literatura, permitindo que vozes que foram historicamente marginalizadas se tornem protagonistas na crítica ao racismo estrutural e à violência de gênero.

Dessa forma, o ato das escrevivências de Conceição Evaristo vai além da literatura como uma pura ficção e se estabeleceu como uma ação política para denunciar as opressões e ressignificar memórias e identidade. Assim, a produção literária que é escrita por mulheres negras têm o poder de desafiar a representação estereotipada da mulher negra, colocando em dúvida o cânone literário estabelecido e o papel que ela tem diante da sociedade brasileira, reafirmando seu valor como figura essencial na formação do nosso país.

Levando isso em consideração, podemos dizer que a literatura afro-brasileira criada por mulheres apresenta uma força ainda maior para questionar todos esses estereótipos, que não apenas subjugou a mulher negra de várias formas, mas também silenciou sua voz e sua produção literária, tanto no passado quanto no presente. Dessa forma, a representação da mulher negra em obras literárias tem se revelado uma maneira significativa para refletir sobre essa figura na cultura brasileira e também de reconsiderar a história do próprio país, uma vez que as poéticas dessas autoras desafiam e oferecem novas perspectivas para entender as experiências negras no Brasil.

Dentro da sua extensa produção, o livro *Olhos D'água* (2014) se destaca como um elemento crucial, pois reúne contos que tratam das dores, silenciamento e resistência de mulheres negras, expondo marcas profundas de um passado escravocrata que ainda é bastante presente nas estruturas sociais. Nos contos “Ana Davenga” e “Beijo na face” a autora vem apresentando personagens femininas que são atravessadas pela violência de gênero e pelo racismo, mostrando como o corpo da mulher negra é historicamente objetificado, explorado e violentado até os dias de hoje. No entanto, essas narrativas não se limitam à denúncia, elas transformam a dor em memória, e a memória em resistência, apontando para a possibilidade de ressignificação das experiências traumáticas sofridas pelas mulheres negras.

A reflexão deste trabalho será conduzida a partir das escrevivências de Conceição Evaristo, a memória como elemento de identidade e resistência e a crítica de Dalcastagnè (2008) à marginalização da mulher negra na literatura brasileira contemporânea, bell hooks (2014) e Pierre Bourdieu (1998). Essas perspectivas permitem compreender melhor como a obra de Conceição Evaristo constrói, no espaço literário, não só uma denúncia da violência, mas principalmente um ato de resistência simbólica e política.

Partindo do pressuposto de Severino (2007), esta pesquisa se caracteriza como uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, em que se busca a análise de materiais que já foram publicados, especialmente livros e artigos científicos, com o intuito de fundamentar teoricamente o estudo e auxiliar na construção do conhecimento. A ênfase está na obra de Conceição Evaristo e nas reflexões de pensadores comprometidos em promover a importância dessas vozes.

2 ANÁLISE: A ESCRITA DE CONCEIÇÃO EVARISTO E A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA

Conceição Evaristo é uma das escritoras mais relevantes da literatura brasileira

contemporânea, principalmente na literatura afro-brasileira e feminina. Nascida em Belo Horizonte, em uma família de origem humilde, ela cresceu em meio a dificuldades financeiras que marcou bastante sua trajetória pessoal. Antes de se consolidar como escritora, trabalhou desde serviços domésticos até mesmo como professora, momentos cruciais que mudaram sua perspectiva e influenciou profundamente seus livros sob a forma de memórias, denúncias e resistências, foi o que deu origem ao conceito de *escrevivência*, um dos pilares de sua obra.

Nesse contexto, o conceito da *Escrevivência* inaugurado pela autora quando esta se refere ao seu modo de produção escrita, está impregnado pela sua condição de mulher negra na sociedade brasileira e traz uma ideia de autobiografia, da escrita sobre si mesma. Tem a ver com o fato de que a subjetividade daquele que escreve contamina a sua escrita e ressoa em outros pares como um grito coletivo (Melo, 2020, p. 246).

Neste fragmento, a *escrevivência* vem refletindo a ideia de que a literatura pode surgir das experiências vividas por mulheres negras e por pessoas marginalizadas. Para Evaristo escrever é um ato político, pois é através da sua escrita que ela registra memórias silenciadas, valorizando essas identidades e denunciando as desigualdades estruturais da sociedade brasileira. Dessa forma, o que ela escreve reflete uma forte ligação com questões de ética e justiça social, algo que está ligado à sua vivência como mulher negra em um país estruturalmente racista e dominado por homens.

A importância de Evaristo na literatura brasileira está justamente em valorizar e dar visibilidade às vozes negras, sobretudo mulheres, elevando os autores das suas histórias. Dalcastagnè (2008) diz: “A partir do resultado da análise de 258 romances publicados entre 1993 e 2008, por três grandes editoras brasileiras.” (Dalcastagnè, 2008, p.20) mostrando que os personagens negros, em obras, são mostrados de forma superficial e sem importância, mas Evaristo rompe, de alguma forma, com esse padrão, dando às mulheres negras o papel principal na história, apresentando não só como sofredoras, mas como figuras que fazem história, que criticam, lutam e renovam quem são.

Entre suas importantes obras, está *Olhos D’água*, publicada em 2014 é uma das mais conhecidas de Conceição Evaristo e um marco da literatura afro-brasileira contemporânea. Trata-se de uma coletânea composta por 15 contos, nos quais a autora dá voz a personagens marginalizados, sobretudo mulheres negras, que enfrentam situações de pobreza, violência, racismo e desigualdade social. A coletânea se destaca bastante por sua capacidade de articular estética e política, ao mesmo tempo em que revela a dura realidade social brasileira e propõe a valorização de memórias e também de vivências silenciadas.

Na obra *Olhos D’água* (2014) os contos “Ana Davenga” e “Beijo na Face” estabelecem um diálogo direto ao evidenciar a violência estrutural e de gênero que marca a vida de mulheres negras, pois ambos convergem ao demonstrar como o racismo e o patriarcado se articulam para construir uma realidade de silenciamento, vulnerabilidade e dor. Nos dois contos, a violência não aparece como algo isolado, mas como resultados de estruturas sociais enraizadas.

2.1 Mulher negra, violência e memória em “Beijo na Face”

O conto “Beijo na Face” narra a história de Salinda, uma mulher casada com um homem ciumento, violento que a controla e a reprime. Ele a vigia constantemente,

chega a contratar pessoas para segui-la. Esse medo que Salinda tem do marido é perceptível desde o início do conto, como mostra o fragmento “Salinda por isso, vinha há anos adiando um rompimento definitivo com ele. Tinha medo, sentia-se acuada, embora às vezes pensasse que ele nunca faria nada, caso ela o deixasse de vez.” (Evaristo, 2014, p. 53), o que cria uma espécie de prisão doméstica, em que a personagem é obrigada a viver com precaução. O relacionamento deles torna-se um lugar violento, pois a personagem não podia exercer outros papéis além daqueles impostos pela relação. O parceiro a obrigou a exercer o papel de esposa e mãe, limitando suas possibilidades de existir fora desse vínculo. Assim, a personagem não consegue viver outras identidades que poderiam surgir no ambiente de violência em que se encontra, mostrando como o subalterno fica preso, sem conseguir se manifestar ou fazer suas reivindicações serem ouvidas. Apesar desse cenário de violência e opressão, Salinda encontra uma brecha para vivenciar um amor e a liberdade, pois ela se envolve às escondidas com uma mulher, mesmo sendo uma relação vivida em silêncio, ofereceu momentos de ternura e de reconstrução da própria subjetividade da personagem.

No conto “Beijo na face”, Salinda que é uma mulher negra, enfrenta bastante violência doméstica e psicológica dentro de uma estrutura patriarcal, e sua busca por carinho e por definir quem ela é, principalmente em um relacionamento homoerótico, representa uma forma de resistência da personagem, visto que ela não recebia esse ato de amor do seu parceiro.

Essa narrativa nos mostra a importância de criar espaços onde as pessoas subalternizadas possam falar e ser escutadas, pois o subalterno é a camada mais baixa da sociedade, no qual sempre fica de fora das políticas, da justiça e dos mercados, de quem a voz não é ouvida. As mulheres negras são subalternas do subalterno, o que as tornam duplamente silenciadas, impedindo que elas possam se expressar por conta própria e que seus interesses sejam representados, como explica Spivak (2010).

No conto, a descrição do comportamento do marido evidencia a dimensão do patriarcado como forma de opressão estrutural. O marido da personagem transformava a vida de casal deles em um sistema de perseguição, contratando até mesmo pessoas para segui-la, assim como também fazendo ameaças com diferentes formas de punição. A narrativa nos mostra essa perseguição e ameaças sofrida por Salinda quando fala:

Estava a vigiá-la, mas ao invés de agir em silêncio, vinha de própria voz alertá-la. Era como se ele buscasse retardar um encontro com a verdade. Aos poucos as ameaças feitas pelo marido, as mais diversificadas e cruéis, foram surgindo. Tomar as crianças, matá-la ou suicidar-se deixando uma carta culpando-a (Evaristo, 2014, p. 53).

Esse recorte demonstra como a violência de gênero ultrapassa os limites da agressão física, mas também se manifesta como um instrumento de pressão psicológica e de anulação da subjetividade da mulher. Esse tipo de atitude não ocorre de forma isolada, mas pode ser compreendido a partir da reflexão de bell hooks (2014), pois ela argumenta que o patriarcado estrutura as relações como espaços de dominação e poder. O marido de Salinda reflete perfeitamente esse tipo de padrão de masculinidade patriarcal, ao invés de entender o amor como um espaço de cuidado, respeito e liberdade, ele limita a relação conjugal deles a um ambiente de monitoramento e posse.

Para evidenciar a dinâmica emocional que fundamenta o conto, é bastante

importante analisar a cena em que uma nova personagem se torna central na narrativa, que é Tia Vandu, tia de Salinda. Esta figura é caracterizada por sua sensibilidade e pela habilidade de perceber o que não é dito, pois ela é a única a notar o sofrimento de Salinda e a oferecer um ambiente de acolhimento e proteção. É na casa da sua tia, que Salinda se encontra às escondidas com seu novo amor, longe da vigilância e das ameaças do marido, permitindo que a protagonista desfrute de momentos de liberdade, afeto e conexão com seu interior. Essa intimidade e segurança é enfatizada no trecho em que a autora mostra a importância de Tia Vandu na vida de Salinda:

Tia Vandu, em Chã da Alegria, era única pessoa que adivinhou o sofrimento de Salinda, acolheu seu segredo e se tornou cúmplice. Era na casa da tia que os encontros aconteciam. De noite, depois das crianças, [...] Salinda, no quarto destinado a ela, podia se dar, receber, se ter e ser para ela mesma e para mais alguém (Evaristo, 2014, p. 53).

Diante desse contexto que a personagem vive de vigilância e controle, tia Vandu vem para simbolizar essa quebra do isolamento que é imposta às mulheres. A personagem é como uma ponte entre o cuidado e a dor, silêncio e escuta. Sua casa que fica em Chã da Alegria é o único lugar que Salinda consegue existir sem vigilância alguma do marido, e é lá que ela descobre o amor, o prazer e especialmente sua identidade. Esse trecho nos mostra como Evaristo usa o sentimento e o corpo como instrumento de resistência, pois esse amor escondido que Salinda vive é uma forma de tentar reafirmar sua identidade feminina e sua liberdade emocional, e de manter viva a memória, pois ela carrega no corpo as marcas de uma vida que vai muito além da dor, ao viver esse amor. O encontro de Salinda e a tia passa até muito mais que apenas os laços familiares que a uniam, também representa o apoio entre as mulheres negras, que é passado de geração em geração como uma estratégia de sobrevivência diante da violência do patriarcado.

hooks (202) diz que a masculinidade ligada ao patriarcado impõe que homens se sintam como dominantes e melhores que mulheres, além de tomarem medidas necessárias para sustentar sua posição de domínio. Esse é um dos fatores que leva os homens a utilizarem a desonestidade como meio para obter poder nas relações. Esse sistema patriarcal ensina aos homens que exercer poder é sinônimo de amar e que ter controle é uma forma de proteger. Isso fica bastante claro no conto quando o marido acredita que ameaçar e vigiar Salinda é um direito, uma forma de garantir a integridade da família, mas na realidade o que se percebe é a destruição da autonomia e do bem-estar da mulher, que vive sob medo constante.

Outro aspecto discutido que pode ser percebido pela teórica bell hooks (2014), que o caso de Salinda nos revela, é a forma como os homens recorrem à violência psicológica e emocional para manter relações de poder. Assim,

O patriarcado é um sistema político-social que insiste que os homens são inerentemente dominadores, superiores a tudo e a qualquer um considerado fraco, especialmente mulheres, e dotados do direito de dominar e reinar sobre todos os fracos e manter essa dominância por meio de várias formas de terrorismo psicológico e violência (hooks, 2014, p. 31).

Esse fragmento “Tomar as crianças, matá-la ou suicidar-se deixando uma carta culpando-a.” (Evaristo, 2014, p. 53), nos mostra que ao ameaçar com a possibilidade de tirar os filhos dela ou de acabar com sua própria vida para responsabilizá-la, o marido dela exerce um tipo de terrorismo psicológico, no qual é uma expressão citada

por hooks para mostrar como o patriarcado molda os homens a acharem que dominarem é sinônimo de amor, no qual mostra que esse ato de dominar é percebido como algo natural para eles. Essa observação nos ajuda a compreender que a conduta do marido não é fruto do amor, mas sim da internalização de um padrão de masculinidade que confunde afeto com domínio. Percebemos que a personagem representa situações de mulheres negras na realidade brasileira, e é fundamental reconhecer que a construção da identidade subjetiva dos indivíduos está intrinsecamente ligada à sociedade.

Nesse sentido, as experiências de violência doméstica afetam diretamente a formação da identidade dessas mulheres, pois estão conectadas à posição social que ocupam. Assim, o comportamento do marido mostra a denúncia que Evaristo faz, por meio de sua narrativa, da persistência de práticas que naturalizam a violência de gênero no espaço doméstico, descrevendo como a masculinidade, amparada por uma sociedade patriarcal cria para o homem uma identidade que se constitui com dominação, exercício da força e punição. A narrativa demonstra que essa maneira de se relacionar não elimina totalmente a subjetividade feminina, uma vez que Salinda descobre em sua memória e em seu amor clandestino espaços de resistência e reapropriação simbólica de sua vida.

No conto a memória surge como um espaço de resistência, pois desde o início a personagem guarda na pele o vestígio do amor vivido, como mostra o fragmento "Salinda tombou suavemente o rosto e com as mãos em concha colheu, pela milésima vez, a sensação impregnada do beijo em sua face" (Evaristo, 2014, p. 51). o ato de guardar o beijo é como uma imagem que representa manter um lugar pessoal que não deve ser invadido pelo controle do marido. As recordações emocionais se tornam uma espécie de tesouro escondido, que dá à Salinda uma sensação de respeito e liberdade, mesmo que por pouco tempo. Essa técnica de Evaristo de contar histórias revela que nas obras a memória não é só uma recordação, mas uma forma de resistência, uma maneira de registrar a vida da mulher negra contra o esquecimento.

Para explorar mais profundamente o simbolismo emocional presente na narrativa, é importante notarmos como Evaristo expressa, de maneira poética, as vivências sentimentais de Salinda. O ato de carinho que passa na trama não surge apenas como uma ação, e sim como uma impressão sensorial que persiste diante do silenciamento e da violência do dia a dia. Dessa forma, a escritora, resume em poucas palavras, a intensidade subjetiva desse encontro, como demonstrado no fragmento a seguir: "E um leve e fugaz beijo na face, sombra rasurada de uma asa amarela de borboleta, se tornava uma certeza, uma presença incrustada nos poros da pele e da memória" (Evaristo, 2014, p. 57.) Conceição Evaristo idealiza o corpo feminino negro um local de memória e resistência, pois a representação do beijo ilustra a dimensão simbólica da afetividade em meio à dor. Mesmo Salinda vivendo sob o controle e vigilância do marido, esse gesto de carinho, mesmo simples, para ela tem um significado enorme de liberdade, é uma lembrança que desafia o silêncio e a violência que ela enfrenta todos os dias do seu marido.

Essa imagem da asa amarela de borboleta reforça a delicadeza de algo passageiro, mas também de transformação. O amor de Salinda, assim como a borboleta, representa uma oportunidade de mudança, foi um momento breve, mas que segue sua rotina de prisão. Mesmo o abraço sendo algo curto e rápido, ele fica marcado na memória da personagem, mostrando como o corpo pode ser fonte de resistência e lembranças importantes, e esse também é uma forma de existir e se firmar, apesar das opressões.

O amor de Salinda não é só um gesto de amor, mas também um ato de

resistência simbólica, pois mesmo diante da dor, uma mulher negra é capaz de expressar sentimentos, construir memórias e marcar um registro de sua existência em seu corpo, tornando-se um contraponto poético à violência, visto que, ainda ferido, o corpo negro permanece vivo, pulsando com história e ancestralidade.

Ao retratar o amor da personagem Evaristo transforma o corpo feminino negro em um espaço de resistência e afirmação, pois reverte a lógica de dominação que o objetificava e o subjulgava. A memória do beijo funciona com poder da experiência pessoal contra a tentativa de apagamento da subjetividade da mulher negra, afinal esse ato de narrar é uma forma de resistência e de reafirmação da identidade, que é alinhada com a escrevivência proposta por Evaristo, pois ela entende a escrita com uma articulação entre palavra e vida, em que as experiências emocional e corporal vividas são convertidas em forças política.

Diante disso, em “Beijo na Face”, fica evidente que Evaristo cria uma narrativa demonstrando que mesmo marcada por violências estruturais, a mulher negra é protagonista da sua própria história. A obra ainda nos revela que essa violência não é total, pois no silêncio da memória e na vivência do afeto, Salinda encontra meios de se firmar como sujeito. Dessa maneira, o conto não apenas expõe as ações de opressão, mas também exalta a força da mulher negra em lutar e se transformar, reforçando a importância da escrevivência na literatura afro-brasileira contemporânea.

2.2 Violência e gênero em “Ana Davenga”

O conto “Ana Davenga” da obra *Olhos D’água* (2014), de Conceição Evaristo, narra a trajetória de uma mulher negra que vive às margens da sociedade, em um local de pobreza e violência. Ana, protagonista da história, vive uma relação marcada por amor e sofrimento com Davenga, que é um homem envolvido com a criminalidade. A narrativa inicia com Ana sendo acordada pelas batidas na porta, acreditando ser o retorno do companheiro. A falta dele desperta em Ana inquietação, e ao longo do texto, a memória da relação entre os dois revela uma vida atravessada pela dor e pela violência cotidiana, pois o amor que os une não é libertador, mas sim um aprisionamento emocional e social.

Ana Davenga é uma representação das mulheres negras que enfrentam a opressão simbólica e os desafios da existência. Ela é apresentada como uma pessoa na qual a infância foi repleta de privação e dor, como mostra esse fragmento: “Não, Ana Davenga não havia esquecido, mas também não sabia por que lembrar. Era a primeira vez na vida, uma festa de aniversário [...] E ela, tão viciada na dor, fizera dos momentos que antecederam a alegria maior um profundo sofrimento” (Evaristo, 2014, p. 29).

Durante a história, o samba é um elemento que marca a existência do casal e da comunidade em que eles estão inseridos do início ao fim. O narrador utiliza o samba como símbolo e expressão da cultura e identidade afro-brasileira, retratando o movimento da mulher e do homem, destacando-os como praticantes do samba. Esse gênero musical os acompanha em todos os momentos, a ponto de as batidas na porta serem realizadas em um compasso de samba, servindo como uma espécie de um código anunciando algo bom ou ruim.

Para entendermos a profundidade emocional da personagem, é importante analisar umas das cenas mais representativas da narrativa, no qual a autora reinterpreta o cenário da comunidade e as relações afetivas que existem. Desde o início, Evaristo mostra a maneira como Ana Davenga identifica, através das batidas na porta, os indícios de ameaça ou calma, mostrando como sua existência é moldada

por ansiedade e raros momentos de serenidade. Essa ambientação de tensão incessante, se destaca com intensidade no fragmento a seguir:

As batidas na porta ecoaram como um prenúncio de samba. O coração de Ana Davenga naquela quase meia-noite, tão aflito, apaziguou um pouco. Tudo era paz então, uma relativa paz. Deu um salto da cama e abriu a porta. [...]. As mulheres, ouvindo o movimento vindo do barraco de Ana, foram também. De repente, naquele minúsculo espaço coube o mundo. Ana Davenga reconheceu a batida. Ela não havia confundido a senha. O toque prenúncio de samba ou de macumba estava a dizer que tudo estava bem. Tudo em paz, na medida do possível. Um toque diferente, de batidas apressadas dizia de algo mau, ruim, danoso no ar (Evaristo, 2014, p. 21).

As rodas de samba são espaços muito importantes para preservar e fortalecer a cultura negra e afro-brasileira. Elas vão muito além da música, funcionando como locais que guardam memórias, resistência e sentimentos de pertencimento. Nesses encontros, tradições antigas ganham vida nova através do do corpo, da fala, do canto e da convivência entre as pessoas, mantendo vivas crenças, valores e conhecimentos que por muito tempo foram marginalizados. Como explica Beatriz Nascimento em seu livro *O negro visto por ele mesmo: ensaios, entrevistas e prosa*, o samba é um espaço onde a população negra constrói sua identidade, reforçando seus laços comunitários e afirmando sua humanidade diante de um cenário marcado pelo racismo estrutural. Por isso, roda de samba vai além da festa, sendo uma expressão cultural uma forma de luta, onde a memória coletiva se manifesta e o corpo negro, em movimento e sim, reivindica sua existência, respeito e continuidade.

Ao longo da história, Ana é retratada como uma mulher cheia de força e desejo, ao mesmo tempo em que sua trajetória é marcada pela opressão. Sua primeira aparição é destacada pelo olhar de Davenga, que a observa dançar em uma roda de samba e fica encantado pelo seu corpo: “Quando Davenga conheceu Ana em uma roda de samba, ela estava ali, faceira, dançando macio. Davenga gostou dos movimentos do corpo da mulher. Ela fazia um movimento bonito e ligeiro de bunda” (Evaristo, 2014, p. 24). O olhar masculino sobre o corpo da mulher negra marca a narrativa com a objetificação e o controle, duas formas de violência simbólica que estruturam a relação entre os personagens.

Essa objetificação possui origens históricas significativas. A mulher negra foi ao longo do tempo, moldada como um corpo público, acessível, um ser sem vontade própria, um corpo sob domínio de outros. Isto pode ser percebido pela forma como Davenga se apropria de Ana ao integrá-la em seu universo e convertê-la em um símbolo de posse ao adotar seu nome, pois é a partir do seu envolvimento com Davenga ela deixa de ser uma mulher na sua individualidade e é vista no morro como mulher de Davenga, isso evidencia essa herança colonial. Quando o texto afirma “[...] Ana resolveu adotar o dele. Resolveu que a partir daquele momento se chamaria Ana Davenga. Ela queria a marca do homem dela no seu corpo e no seu nome” (Evaristo, 2014, p. 26). Essa ação representa o apagamento de sua identidade individual e a submissão à presença masculina. Assim, a mulher se torna uma extensão do homem, reforçando a lógica patriarcal que lhe nega o direito de ser a protagonista de sua própria vida. Bourdieu afirma: “A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la” (Bourdieu, 1998, p. 18). Isso revela como o patriarcado se tornou, ao longo do tempo, uma norma nas estruturas sociais, possibilitando pensar a narrativa de Evaristo sob essa perspectiva, em que os personagens existem dentro de um sistema de dominação internalizado

que o próprio ato de Ana adotar o nome do marido não precisa justificativa, porque assim como propõe Bourdieu, essa dominação de poder nas estruturas sociais exercida pelos homens dispensa explicações.

A violência que caracteriza a relação de Ana e Davenga vai além do aspecto físico, manifestando-se nas hierarquias de poder e nas emoções envolvidas. hooks aponta que:

A cultura patriarcal continua a controlar os corações dos homens precisamente porque socializa os homens para acreditarem que sem seus papéis como patriarcas, eles não terão razão de existir. A cultura de dominação ensina a todos nós que a essência de nossa identidade é definida pela disposição para dominar e controlar os outros. Somos ensinados que essa vontade de dominar é mais biologicamente ligada aos homens do que às mulheres (hooks, 2021, p. 139).

Essa perspectiva é evidente na interação dos personagens, no qual o amor é atravessado por sofrimento e dor. Durante o ato sexual, Davenga se emociona a ponto de chorar, que mesmo esse ato parecendo ser um sinal de fragilidade, fica claro que é um amor marcado por um paradigma de masculinidade violenta, no qual afeto e posse se entrelaçam. Assim o choro de Davenga não purifica seu amor, mas o torna ainda mais confuso, visto que ele chora por amar, mas também por ser incapaz de vivenciar seu amor sem reproduzir a violência que aprendeu.

Essa dualidade ilustra o que Bourdieu (1998) descreve como violência simbólica, que é um tipo de controle invisível que molda as identificações e legitima relações que são desiguais. Ele aponta que “A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante” (Bourdieu, 1998, p. 47), evidenciando como a opressão se mantém não apenas pela força, mas pela aceitação inconsciente das regras impostas.

A atitude de Ana em relação a Davenga ilustra bem a aceitação da subordinação. Embora esteja em uma relação marcada por medo e violência, ela demonstra fidelidade e conformidade, acolhendo as normas ditadas pelo parceiro e pelo ambiente social que a cerca. Como Bourdieu (1998) aponta: “A postura submissa que se impõe às mulheres cabilas representa o limite máximo da que até hoje se impõe às mulheres [...] Como se a feminilidade se medisse pela arte de ‘se fazer pequena’” (Bourdieu, 1998, p. 38-39). Ana se faz menor diante da autoridade masculina, impulsionada pelo afeto e pela urgência de sua própria sobrevivência, um gesto que reflete o aprisionamento das mulheres negras em papéis de obediência e silêncio, sobretudo em um contexto de violência, que era o caso de Ana e Davenga.

Ana, sendo companheira de um homem que vivia fugindo da polícia e morando em uma comunidade pobre, não tinha muitas opções. Sua única decisão era amar Davenga à sua maneira, no tempo e no jeito que ele pudesse ou quisesse. A personagem sabia que ele tinha envolvimento com atividades ilegais e que a vida deles era cheia de incertezas, sempre esperando notícias ruins em um ambiente marcado pela violência, angústia e aflição. Ela vivia sempre atenta, acostumada com o ambiente que sempre havia vários anúncios de violência. Seu maior sonho era formar uma família, e apesar do jeito agressivo e violento de Davenga, para Ana, ele nunca lhe fez mal, pois ele tinha um amor profundo por ela.

Outro ponto bastante importante a ser abordado é a violência sexual que Ana sofre. Ao recusar a ter relações sexuais com Davenga, ele ignora seus desejos. Como mostra esse trecho “Um dia pensou em se negar para não ver Davenga chorando tanto. Mas ele pedia, caçava, buscava. Não restava nada a fazer, a não ser enxugar

o gozo-pranto de seu homem” (Evaristo, 2014, p. 23), ele a convence sem utilizar a violência física, mas sim através de argumentos atrativos que a fazem ceder às vontades dele, criando nela uma mistura de culpa e confusão em relação ao que está sentindo. Esse comportamento pode ser visto como uma forma de manipulação psicológica que possui conotação sexual, uma vez que não há agressão física evidente. O personagem afeta a saúde mental de Ana, fazendo com que ela se sinta culpada por algo que ela não fez.

Ana durante a sua festa de aniversário, organizada por Davenga, estava alegre e feliz, pois jamais tinha tido uma festa de aniversário, e, ao final da festa, Ana e Davenga saíram para se amar. A narrativa nos faz perceber que existe uma tensão a cada seção, no entanto esse é o momento mais intenso, pois no meio do sexo deles foram interrompidos por batidas na porta, nos quais não correspondia aos sinais identificáveis dos aliados de Davenga, mas sim da polícia que entrava no barraco e rendiam os dois despidos. Como podemos observar no trecho:

Já estavam para explodir um no outro, quando a porta abriu violentamente e dois policiais entraram de armas em punho. Mandaram que Davenga se vestisse rápido e não bancasse o engraçadinho, porque o barraco estava cercado. Outro policial do lado de fora empurrou a janela de madeira (Evaristo, 2014, p. 30).

Davenga se vestia quando o policial arrombou a janela do barraco, apontando sua arma para Ana, que tentava de alguma forma proteger sua barriga onde estava seu filho, no qual ele não sabia, pois ela não tinha lido dito. Ciente de que se fosse preso, passaria muitos anos na prisão, Davenga decidiu que não deixaria sua casa, então ele pegou uma arma que estava escondida, mas foi surpreendido pelos tiros dos policiais.

Assim, o que ressalta nesse acontecimento é a evidência mais explícita da agressão física que Ana vivenciou, na qual é confirmada no final do conto por Evaristo: “Ana, que morrera ali na cama, metralhada, protegendo com as mãos um sonho de vida que ela trazia na barriga” (Evaristo, 2014, p. 19). Ela foi morta sem ao menos mostrar nenhum tipo de resistência à abordagem policial. Ana, que escondeu sua gestação desde o começo, não pôde experimentar a maternidade de forma completa, já que a violência interrompeu essa experiência.

A morte trágica de Ana mostra as várias formas de opressão sofridas pelas mulheres negras, revelando a conexão entre a violência doméstica e da violência do estado, simbolizando não apenas a destruição da mulher, mas também sua luta para preservar a vida, um ato de resistência diante a morte. Desta forma, Evaristo cria um cenário de crueldade, onde os indivíduos são desumanizados pela dor, sofrimento e angústia de uma vida marcada por repressão e exclusão. As mulheres negras enfrentam violências decorrentes do preconceito, assim como acontece na vida real, obras literárias ficcionalizam histórias de pessoas comuns que estão enredadas em estruturas e relações sociais excludentes e violentas.

Diante disso, a literatura afro-brasileira tem, por vezes, adotado um tom de denúncia, atuando como representação de comunidades e os desafios enfrentados pelos afrodescendentes, em especial pelas mulheres negras, oferecendo aos leitores novas visões sobre a população negra e sua posição na sociedade, além de resgatar aspectos históricos frequentemente abordados pelos autores. A produção literária elabora e promove escritores negros, dando ênfase nas mulheres, pois é crucial para a valorização e reconhecimento desse grupo étnico, além de evidenciar as interações de gênero existentes na sociedade. Por fim, oferece ao leitor uma visão renovada da

mulher negra, distinta daquela retratada na literatura clássica existente.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os contos “Ana Davenga” e “Beijo na face” evidenciam como é de grande necessidade uma literatura que esteja voltada e comprometida com as vozes silenciadas. Evaristo com uma escrita impactante mostra que a mulher negra expõe as diversas maneiras de violência que atravessam suas vidas, mostrando a força dessas mulheres como protagonistas de suas próprias histórias.

A violência em ambas as narrativas, não é apenas um tema, é um elemento que atravessa as interações humanas, em especial as sociais e emocionais. No conto “Beijo na face”, Salinda é dominada e observada pelo seu marido, que acredita que o amor é uma forma de dominação, sustentado por uma masculinidade autoritária. Já em “Ana Davenga” a personagem tem uma relação bastante intensa e instável com seu parceiro Davenga, que mesmo que haja afeto entre eles, é também marcada por bastante sofrimento e controle, no qual acaba na morte trágica dos dois. Evaristo deixa evidente que a violência de raça e gênero não só é agressão física, mas se mostra também na falta de liberdade e na negação da subjetividade feminina.

Nas narrativas, Conceição Evaristo fala sobre o amor de uma forma mais realista, mostrando que ele não é só algo idealizado, mas um campo cheio de conflitos e contradições. Em “Beijo na face” e “Ana Davenga” o amor aparece junto com a dor, violência e medo, uma experiência que mostra como as relações afetivas das mulheres negras muitas vezes são influenciadas por estruturas patriarcais e racistas. O amor que deveria trazer liberdade, muitas vezes acaba sendo um espaço de prisão e de controle.

O corpo negro feminino, nos contos, é um espaço de luta e resistência, pois evidenciam as marcas da opressão sofridas e também surgem gestos de coragem e afirmação da existência. Essas realidades são um aspecto fundamental da escrita de Evaristo, pois ela transforma o sofrimento em palavras e a dor em uma memória coletiva. Diante desse cenário, a literatura vem para assumir um papel político e ético, desafiando o esquecimento histórico que afastou as mulheres negras à invisibilidade na literatura brasileira. Evaristo com sua escrita vem dando visibilidade às vozes das periferias, da pobreza e exclusão, devolvendo para elas sua humanidade e o seu poder de agir.

Ao nos mostrar a violência de gênero sofrida pelas mulheres negras, Evaristo vem destacando o peso da masculinidade patriarcal que influencia bastante as relações afetivas. Nos contos a autora mostra que o homem não é apenas quem comete a agressão, mas é moldado por um sistema que os ensina a dominar e possuir. Em Davenga e no marido de Salinda, as ações deles diante de suas parceiras, mostra que o amor que eles dizem sentir por elas é uma ideia distorcida, influenciada por anos de desigualdade e pela dificuldade de ver a mulher como uma pessoa autônoma. Essa ideia fica evidente quando hooks (2014) diz que os homens confundem amor com poder e controle sobre a mulher, pois o patriarcado faz com que eles fiquem com medo de se mostrar vulneráveis. Assim, a violência não é um apenas um erro isolado, mas uma forma de comunicação aprendida e Evaristo transforma em uma questão literária para refletir sobre suas raízes.

A experiência das personagens reflete o conceito de escrevivência criado pela própria Evaristo, que explica como a escrita nasce nas vivências e se torna uma forma de libertação. A autora transforma o trauma sofrido em palavras e o silêncio em expressão, criando uma memória compartilhada entre mulheres negras que, por

muitos anos, tiveram suas histórias esquecidas. Evaristo aponta que “a nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa-grande”, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos” (Evaristo, 2020, p. 54). Essa frase resume bem o papel político da sua escrita, pois para ela escrever é uma maneira de resistência, de reivindicar o espaço de falar, de romper com o apagamento histórico causado pela colonialidade e pelo patriarcado.

Nas personagens da obra *Olhos D'água* (2014), a dor de cada um representa tanto uma denúncia quanto uma herança, pois cada ato de submissão, violência ou perda, nos revela o peso da história de um povo, mas também mostra a força de uma ancestralidade que insiste em não desaparecer. Quando Ana protege seu ventre diante da morte, e quando Salinda busca no carinho uma forma de se reencontrar ambas expressam, mesmo que de maneira silenciosa, um desejo de viver que vai além da dor. É nesse espaço que a memória coletiva se constrói, no corpo e na fala dessas mulheres, a autora guarda o testemunho das que vieram antes e anuncia a resistência das que virão depois. Portanto sua escrita é a prova de que mesmo feridas, as vozes negras persistem em ressoar, e é daí que surge a esperança de um futuro mais humano e justo.

Bourdieu (1998) nos mostra uma nova forma de entender essas relações, no qual para ele a violência simbólica continua acontecendo, pois se torna invisível, como se fosse algo natural nas palavras, ações e nas perspectivas que a sociedade tem. Em “Beijo na face” evidencia isto com a vigilância do marido sobre sua parceira Salinda, exemplo dessa força silenciosa, pois ele não usa a agressão física para machucá-la. Essa dominação acontece normalmente no dia a dia, pois influencia os sentimentos e pensamentos da personagem, prendendo sua mente e corpo em uma situação de submissão emocional.

A reflexão de Spivak (2010) destaca a força política da obra de Conceição Evaristo, a teórica destaca que em uma sociedade marcada pela colonialidade e pelo patriarcado, as opiniões das mulheres negras são frequentemente deixadas de lado no discurso predominante. Spivak sustenta que o subalterno não tem voz, e nas repetidas tentativas de ser ouvido sua expressão é modificada ou apropriada, e Evaristo traz a literatura para quebrar esse silêncio ao estabelecer um ambiente no qual a mulher negra é também uma participante ativa no discurso e não é só um objeto da história, alguém que reivindica o direito de amar, sentir e resistir.

Evaristo também não só se limita a nos mostrar em sua escrita à denúncia, mas também para criar uma poética de resistência. A literatura se transforma em um espaço no qual é possível reexistir, no qual mostra a capacidade de sobreviver por meio da escrita. Quando no seu último ato Ana protege seu ventre durante o tiroteio, Evaristo transforma isto em um símbolo de continuidade, pois mesmo ferido o corpo negro representa uma espécie de protetora da vida e da memória, reforçando a ideia de que a maternidade e o amor não são apenas sonhos idealizados, mas atos de resistência políticas, diante da destruição e do caos.

Diante disso, *Olhos D'água* (2014) nos mostra que falar sobre a mulher negra é também falar das estruturas que sustentam nossa sociedade, pois vira uma ferramenta de denúncia e de fortalecimento da identidade, nos revelando que o que é pessoal também é político. Cada mulher contada por Evaristo representa várias vozes silenciadas pela combinação de sexismo e racismo. Evaristo usa a escrita como um espaço de resistência, rompendo o silêncio e reafirmando a memória coletiva.

As personagens Salinda e Ana não são apenas vítimas de um sistema que oprime, são também testemunhas de uma herança ancestral de luta e dignidade. Evaristo rompeu o silêncio que foi imposto às mulheres negras ao longo da história,

transformando o sofrimento em linguagem, a memória em uma forma de liberdade e o trauma sofrido em denúncia. As histórias analisadas mostram que a escrita de Conceição Evaristo é política e poética, no qual é um espaço onde ela confronta as estruturas do patriarcado e racismo, pois mostra as mulheres negras no centro do discurso literário, dando a elas voz, complexidade e principalmente humanidade.

Partindo do entendimento de que a obra de Conceição Evaristo é ao mesmo tempo política e poética, permitindo que mulheres negras assumam papéis centrais no discurso literário, podemos ampliar essa perspectiva para outros elementos não abordados neste estudo fazendo pesquisas futuras. Uma maneira seria investigar de que forma a autora retrata as relações entre gerações, em especial a transmissão de ancestralidade e memória entre mulheres negras, analisando como esses laços podem deixá-las mais fortes na prática de resistência. Outra área de pesquisa seria também realizar um exame comparativo sobre como outras escritoras contemporâneas negras se relacionam com o conceito de escrevivência, enriquecendo o debate acerca de autoria, protagonismo e identidade. Pode-se aprofundar a análise das masculinidades negras presentes nas narrativas, mostrando como elas também são permeadas por violência estruturante e como influenciam os caminhos das personagens femininas. Essas abordagens possibilitam a ampliação do campo crítico e a abertura de novas leituras da literatura afro-brasileira.

Dessa maneira, Evaristo nos incita a considerar a literatura não apenas sob perspectiva de arte, mas também como uma ação política e emocional. *Olhos D'água* tornou-se assim uma obra que reestabelece a visibilidade das vidas que foram esquecidas, expondo a violência estrutural ao mesmo tempo em que exalta a força ancestral das mulheres negras, demonstrando que a palavra pode servir tanto como uma arma quanto um refúgio, um meio de libertação e um eco constante das vozes que a sociedade buscou calar.

REFERÊNCIAS

ALVES, José Washington; BISNETA, Alvanir Leão Carlos; VIEIRA, Geane Valentin; SILVA, Creuza Thayná Carlos da; SOARES, Keize Patricia da Silva. Olhos D'água De Conceição Evaristo E A Literatura Afro Brasileira: Uma Análise Do Conto "Ana Davenga" Sob O Viés Da Crítica Literária. *In: li Combraletras*, 2., 2022, S.l. **Anais [...]**. S.l: S.N, 2022. p. 1-6. Disponível em:

https://web.archive.org/web/20220821150251id_/https://cdn.congresse.me/9mxn63bn8zvfdgi30u1ywzs2bu8r. Acesso em: 19 abr. 2025.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o Feminismo: a situação da mulher negra na américa latina a partir de uma perspectiva de gênero. **Neabi**, [s. l], p. 1-11, ago. 2020.

Disponível em: <https://www.patriciamagno.com.br/wp-content/uploads/2021/04/CARNEIRO-2013- Enegrecer-o-feminismo.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2025.

CRUZ, Jocelane Fernanda. **A interseccionalidade nos contos de Olhos D'água, de Conceição Evaristo**. 2020. 99 f. Dissertação (Mestrado em Letras) -

Universidade Vale do Rio Verde, Três Corações, 2020. Disponível em: <https://www.unincor.br/images/imagens/2020/dissertacao-jocelane.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2025.

DALCASTAGNÈ, Regina. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, v. 31, p. 87-110, maio de 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3231/323127095005.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2025.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrevivência: a escrita de nós** – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2025.

EVARISTO, Conceição. Ana Davenga. *In*: EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2014.

EVARISTO, Conceição. Beijo na face. *In*: EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2015.

GODOY, Maria Carolina de; SILVESTRE, Nelci Alves Coelho. Vozes narrativas em Conceição Evaristo. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, [S.L.], v. 32, n. 4, p. 12-34, 3 jan. 2023. Universidade Federal de Minas Gerais - Pro-Reitoria de Pesquisa. <http://dx.doi.org/10.35699/2317-2096.2022.38854>. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/38854/32247>. Acesso em: 05 jun. 2025.

hooks, Bell. **Não sou eu uma mulher: mulheres negras e feminismo**. S.l: Plataforma Gueto, 2014. *E-book*. Disponível em: https://plataformagueto.wordpress.com/wp-content/uploads/2014/12/nc3a3o-sou-eu-uma-mulher_traduzido.pdf. Acesso em: 05 jun. 2025.

hooks, Bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.

RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?** Belo Horizonte – MG: Letramento, 2017.

SILVA, Wassila Augusto da; ASSIS, Maria Aurinívea de Sousa. **Mulher negra e memória no conto “Olhos D’água”, de Conceição Evaristo**. 2018. 16 f. TCC (Graduação em Letras) - Curso de Licenciatura em Letras, Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira, Redenção, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/226520artigo.pdf>. Acesso em: 19 maio 2025.

SOUSA, Rayron Lennon Costa; FREITAS, Risoleta Viana de. Literatura de Conceição Evaristo resgata a ancestralidade negro-brasileira. **Jornal da USP**, São Paulo, 13 ago. 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/literatura-de-conceicao-evaristo-resgata-aancestralidade-negro-brasileira/>. Acesso em: 19 abr. 2025.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. Disponível em: <https://perspectivasqueeremdebate.wordpress.com/wp->

content/uploads/2013/10/spivak-pode-o-subalterno-falar.pdf. Acesso em: 25 out. 2025.